

## **Estudantes bolivianos na Unicamp: migração, formação qualificada e trabalho**

Débora Mazza

Migração é um projeto social que se desenvolve no tempo e no espaço, vinculadas a dinâmicas variadas que envolvem o lugar de origem e de recepção, a importância das redes sociais ao longo do processo e as conexões estabelecidas pelos grupos que, algumas vezes, desenham novas possibilidades migratórias, considerando que a unidade atuante da migração não é o indivíduo ou a família, mas o grupo.

A presença de bolivianos em São Paulo remonta à década de 1950, quando já era possível encontrar na cidade alguns bolivianos na condição de estudantes, os quais vieram estimulados pelo programa de intercâmbio cultural entre Brasil-Bolívia. Após o término dos estudos, muitos optaram pela permanência na cidade, em razão de muitas ofertas de emprego encontradas naquele momento no mercado paulistano. Esses acordos possibilitaram uma formação acadêmica que não estava disponível na Bolívia. (SILVA, 2006, p. 159).

Do ponto de vista das migrações laborais recentes em São Paulo, os bolivianos representam o grupo mais numeroso, contudo, do ponto de vista das migrações qualificadas, tendo em vista a formação acadêmica, eles representavam, em 2010, apenas 2% dos estudantes estrangeiros na Unicamp.

“Entretanto, os lugares de origem desses estudantes vinculam-nos às mesmas regiões da Bolívia de onde partem os fluxos laborais. Isso reforça a perspectiva do empreendimento migratório como um projeto grupal intermediado pela família. O migrante migra em decorrência de constrangimentos estruturais, porém informado por uma lógica coletiva. Existem processos coletivos que impelem determinados grupos a se porem em movimento. (FAZITO, 2011)”. (p. 225).

“Esta pesquisa indica que os estudantes bolivianos na Unicamp são jovens, em sua maioria do sexo masculino. Chegam solteiros ao Brasil, oriundos de famílias urbanas de porte médio de Cochabamba, La Paz e Santa Cruz de La Sierra e vêm documentados, com trajetórias de vida marcadas pela centralidade da formação escolar.” (p. 226).

“Os jovens advém de famílias com capital acumulado pela escolaridade de pais e mães, reconvertisdos em ocupações que exigem diploma de nível superior no mercado de trabalho. O investimento da família na formação universitária dos filhos, em nível de graduação e de pós-graduação é um esforço da família na manutenção da classificação social, contra a desclassificação e almejando a reclassificação. (BOURDIEU, 1998)”. (p. 226).

Os fatores da atração são: uma formação universitária de excelência e o desejo de permanecer no Brasil e alcançar uma boa colocação no mercado de trabalho, nas carreiras por eles escolhidas. A pesquisa aponta que a migração para estudos de nível superior no Brasil não é uma experiência divulgada nem acessível na Bolívia. É necessário estar na universidade ou conhecer professores ou familiares que vivenciaram essa experiência. As informações são restritas a um grupo de pessoas que circulam em determinados espaços e têm determinados contatos. “O empreendimento migratório das famílias concentra-se no filho mais velho do sexo masculino, que abre oportunidades para que os demais intentem a estratégia migratória sem tantos riscos e custos.” (p. 226).

Nesse sentido, as migrações não são resultados essencialmente de constrangimentos econômicos nem de escolhas racionais dos indivíduos; “elas tendem a articular fluxos de indivíduos, instituições e bens materiais simbólicos, nos lugares de origem e de destino como redes sociais dinâmicas que melhoram as chances de sucesso no projeto de deslocamento (PORTES, 1995)”. (p. 227).

A educação superior de qualidade e seus efeitos no mercado de trabalho são os fatores que alimentam os estudantes bolivianos na Unicamp. Contudo, existem inúmeros desafios a ser enfrentados e superados: a língua, a cultura e os preconceitos são dificuldades apontadas pelo grupo.

“Todos eles dizem ter sofrido descriminação econômica, de etnia, raça, cor e de aparência física, nos espaços acadêmicos privados e públicos brasileiros. No entanto, essa experiência não os levou a ofuscar as origens bolivianas; pelo contrário, *a afinidade de necessidades favoreceu o ajuntamento*, exercitou o sentimento de pertencimento cultural – a ponto de não aceitarem ser confundidos com outros hispânicos – e desenvolveu estratégias de manutenção e afirmação dos vínculos raciais, étnicos, de cor e culturais.” (p. 227).

**Daniel Edgardo**